



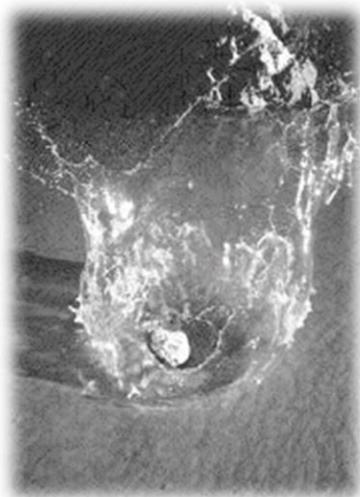
faculdade
de educação
física
e desporto



MESTRADO EM TREINO DESPORTIVO
2020/21

TEORIA E METODOLOGIA DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

**A eficácia do Lançamento na Passada
no Corfebol Português - Uma pedrada no charco?**



Docente: José Braz

Discente: Isabel Teixeira

ÍNDICE

1. Introdução.....	3
2. Enquadramento teórico.....	5
3. Apresentação do Estudo.....	7
Título.....	7
Objetivo.....	7
Métodos.....	7
Resultados.....	7
Conclusões.....	8
4. O Corfebol e o Conhecimento Científico.....	10
5. O Futuro: Estagnação ou Mudança?.....	14
Bibliografia.....	16
ANEXOS.....	18

1. INTRODUÇÃO

O lançamento na passada é uma técnica executada perto do cesto. É importante conhecer a eficácia deste lançamento no Corfebol Português. São boas oportunidades de finalização que em jogos equilibrados podem fazer a diferença. Esta técnica é muito utilizada em treino, quer para aquecimento, quer em vários exercícios de técnica individual e técnico-táticos. Em treino, a eficácia deste lançamento situa-se na ordem dos 100% (Crum B., 2003). Em jogo, os únicos dados existentes, são os das Seleções Nacionais. De campeonatos nacionais só existem da Holanda, em que a eficácia deste lançamento na 1ª divisão, na época passada, 2019/20, foi de 34,79% (anexo 1). Segundo Kees Rodenburg, Diretor Técnico Nacional da Federação Holandesa de Corfebol, este valor é muito baixo, deveria rondar os 50%, em jogo.

Em Portugal, não existem estudos sobre o Corfebol. É um mundo por descobrir! As percentagens de concretização dos atletas, são dados essenciais para analisar o jogo e o rendimento individual e colectivo de uma equipa. A estatística fornece informações relevantes e objetivas, que servem como uma base construtiva para avaliar o desempenho (Martin e Gross, 1990). O estudo do jogo a partir da observação do comportamento dos jogadores e das equipas não é recente, tendo emergido a par com os imperativos da especialização, no âmbito da prestação desportiva (Garganta, 2001).

A eficácia do lançamento na passada é um problema que surgiu de um fracasso. Foi a constatação, enquanto Seleccionadora Nacional, que em dois jogos decisivos do Campeonato do Mundo de Corfebol de 2015, os nossos atletas “falharam” muitos lançamentos “fáceis”, sobretudo lançamentos na passada, que me levou a centrar a minha atenção neste problema. Esta participação foi um desaire (10º lugar), vindo nós de um 4º lugar, nos Jogos Mundiais de 2013, em Cali, na Colômbia, e de uma medalha de bronze, no Campeonato de Europa de 2014, em Maia, Portugal. De acordo com o filósofo francês, Charles Pépin (2018), “a inteligência de um indivíduo é quantificada pela capacidade de analisar e corrigir seus erros. Nesse sentido, cometer erros não é apenas inevitável, mas necessário para entender nossos desejos e prioridades.”

Ao longo deste trabalho irei abordar conceitos adquiridos nesta Unidade Curricular, Teoria e Metodologia do Conhecimento Científico, pertinentes e que enriquecem este estudo. É fundamental perceber o que é o conhecimento científico e a necessidade de identificar problemas na nossa área de intervenção, investigar, chegar a uma resposta, baseada em metodologias válidas para que seja possível evoluir, encontrar soluções, com o objectivo final de melhorar a qualidade do treino e o rendimento desportivo, neste caso, na modalidade de Corfebol. No entanto, trata-se de um processo, nada é absoluto. Como disse Bronowski (1973), “na ciência cada julgamento é pessoal e encontra-se sempre à beira do erro.”

O estudo sobre a eficácia do lançamento na passada foi realizado no âmbito da Unidade Curricular de Metodologia e Técnicas de Investigação no Desporto. A questão de partida foi: A eficácia do lançamento na passada no Corfebol Português é baixa?

É realmente um problema? “Problema indica uma situação de impasse. Trata-se de uma necessidade que se impõe objectivamente e é assumida subjectivamente. Ao desafio da realidade, representado pelo problema, o homem responde com a reflexão. Refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, analisar com cuidado. E isto é filosofar! (Saviani, D.,1975).

2- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O lançamento na passada: origem e evolução até aos dias de hoje.

Para compreender o presente é necessário conhecer o passado. Para Bachelard (2020), o espírito científico é essencialmente uma rectificação do saber, um alargamento dos quadros de conhecimento. Julga o seu passado histórico condenando-o. A sua estrutura é a consciência dos seus erros históricos. A própria essência da reflexão é compreender o que não se tinha compreendido.”

O Corfebol foi criado na Holanda, em 1902, por um Professor do 1º ciclo, Nico Broekhuysen, baseado num jogo Suiço, o Ringball. “Korf” significa cesto em holandês. Sendo um país protestante, as escolas eram mistas e o seu objetivo era criar um jogo coletivo que integrasse rapazes e raparigas, com as mesmas oportunidades e igualdade de funções. Resolveu esta questão em proibir a progressão com bola, tornando num jogo cooperativo e verdadeiramente de equipa.



Figura 1 . Corfebol em Amesterdão

A técnica, nos desportos coletivos, pode ser definida como a execução do movimento adaptado às condições da situação real de jogo e ao tipo somático do jogador, da forma mais funcional e económica possível, para a realização do objetivo do jogo (Resa,1998).

Com um cesto colocado a 3,5 metros de altura, sem tabela, e com as regras estabelecidas, a técnica utilizada para lançar ao cesto, em qualquer parte do campo foi com duas mãos de baixo para cima (fig.2).

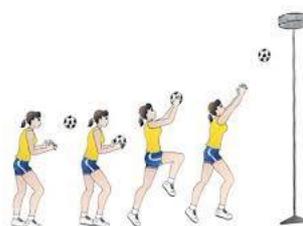


Figura 2. Execução do lançamento

De 1902 a 1952, o Corfebol era praticado em outdoor e praticamente em dois países, Holanda e Bélgica. A grande expansão deu-se nos anos 80, na versão indoor, de 8x8. O Corfebol foi introduzido em Portugal em 1983, e a técnica de lançamento ensinada foi a referida.

As mudanças técnico-táticas obrigaram a alterações na técnica de lançamento. Um aumento da pressão defensiva impedia que o lançamento fosse realizado de baixo para cima, pois demora tempo. Só os atletas mais rápidos conseguiam executar. Os lançamentos de fora e curtos passaram a ser realizados com 2 mãos por cima (fig.3). Só o lançamento na passada (fig.4) e a penalidade (fig.5) mantiveram a forma “natural”.



Figura 3. Campeonato da Europa de 2018 -Portugal x Bélgica



Figura 4 . Campeonato da Europa de 2018 -Portugal x Espanha



Figura 5. Campeonato da Europa de 2018 -Portugal x Bélgica

Dos anos 90 até à atualidade o lançamento na passada é definido como:

Lançamento efetuado depois de uma corrida enquadrada com o cesto; a receção da bola é efetuada pela parte lateral e inferior da bola, de forma simétrica e após a receção deve ser realizado um apoio para elevação vertical, com puxada do joelho da perna livre, e elevação simétrica dos braços, largando a bola no ponto mais alto com os braços em extensão (Curso de treinadores, grau I, 2013)

3. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

Título

A eficácia do Lançamento na Passada no Corfebol Português.

Objetivo

Conhecer a eficácia do lançamento na passada no Corfebol Português e também verificar se é influenciada pelo nível competitivo, a forma de execução do lançamento, a organização ofensiva, a zona do campo, a experiência dos atletas e o género.

Método

Amostra: constituída por 153 lançamentos na passada recolhidos em jogos do Campeonato Nacional da 1ª e 2ª divisão nacional, da época 2019/20. Foram observados 2 jogos de cada equipa da 1ª divisão (constituída por 7 equipas) e 2 jogos de cada equipa da 2ª divisão (constituída por 7 equipas).

Instrumentos e procedimentos: Foi elaborado um protocolo de observação (anexo 2), com as seguintes variáveis qualitativas:

Nível competitivo – 1ª e 2ª divisão Nacional.

Equipas – 14 equipas (7 equipas da 1ª divisão e 7 equipas da 2ª divisão).

Execução do lançamento – corte para o cesto com ou sem bola, boa ou má receção da bola, lançamento realizado por baixo ou por cima e com 1 ou 2 mãos.

Zona do campo – lançamento executado à frente ou atrás do cesto.

Organização ofensiva- 4:0, 3:1 ou 2:2.

Experiência competitiva – atletas com ou sem experiência internacional (Sénior ou Sub21).

Finalização – convertido ou não convertido.

Género – feminino ou masculino.

Análise Estatística: Foi utilizado o programa SPSS para a análise descritiva e análise inferencial, tendo sido estabelecido o nível de significância estatística de $p \leq 0.05$.

Resultados

Da análise descritiva foram estes os resultados obtidos:

Os atletas lançam mais na passada na 1ª divisão (58,2%) do que na 2ª divisão nacional (41,8%), no entanto, a eficácia é similar, 23,6% e 23,4%, respetivamente. As equipas que lançam mais vezes na passada da 1ª divisão são o Clube Corfebol de Oeiras (11,1%) e o

Clube Desportivo da Pedro Alexandrino (9,8%). Da 2ª divisão nacional, é a equipa B do Grupo Desportivo dos Bons Dias (11,1%). Nos cortes para o cesto, para lançar na passada, a maioria são com bola (passe e corte), 60,8%. Na maioria das vezes, 77,1%, é realizada uma boa receção da bola. 64,7% dos lançamentos são realizados por cima e 63,4% com uma mão. A maior parte dos lançamentos são realizados na parte da frente do cesto, 69,9%. É na organização ofensiva em 3:1 que existem mais lançamentos na passada, 51,6%, de seguida em 2:2, 34,6%, e por fim em 4:0, 13,7%. Os atletas com menos experiência lançam praticamente tantas vezes como os atletas com mais experiência, 49% e 51%, respetivamente. O género feminino lança mais na passada (60,1%) do que o género masculino (39,9%). A eficácia do lançamento na passada é de 23,5%. Da análise inferencial, através do teste de associação, foi verificado as variáveis não condicionam a eficácia do lançamento na passada. (anexo 3)

Conclusões

Perante os resultados obtidos, sendo o Lançamento na Passada uma técnica realizada perto do cesto, 23,5% é um valor baixo de eficácia. Na Liga Holandesa, a concretização é cerca de 35%, considerada também muito baixa por treinadores holandeses conceituados (Kees Rodenburg e Ben Crum).

Apesar da associação que foi realizada entre as variáveis verificar-se que não condicionam a concretização, posso tirar algumas ilações. Lança-se mais na 1ª divisão devido à pressão defensiva, de algumas equipas, e mais também na organização ofensiva em 3:1. As equipas Clube Corfebol de Oeiras, Clube Desportivo da Pedro Alexandrino (1ª divisão) e Grupo Desportivo dos Bons Dias B (2ª divisão) jogam em 3:1 (ressalto dinâmico) que proporciona mais oportunidades perto do cesto (curtos, passadas, lobs, rotações internas e externas). Os lançamentos na sua maioria são realizados por cima e com uma mão, quando a técnica ensinada desde a formação até às equipas Top é a descrita anteriormente, por baixo com duas mãos! Mas nem por isso é mais eficaz. Outro aspeto que ressalta é que os lançamentos são na sua maioria realizados à frente do cesto, o que se deve à forma de jogar da maioria das equipas, em 2:2, frontal ao cesto.

Pela minha experiência, como atleta e treinadora, seria de grande interesse estudar o tipo de treino que é realizado na aquisição/consolidação/desenvolvimento do lançamento na passada. Segundo Mesquita I. (1997), “o Treinador é responsável pelo incremento da

qualidade de treino. Para isso tem que ter um domínio aprofundado do conteúdo de treino, seleccionar de forma criteriosa as condições de prática e intervir eficazmente no processo.”



Figura 6. Equipa de formação (Sub-9) do Sporting Clube de Portugal (2012)



Figura 7. Seleção Portuguesa de Corfebol – Campeonato da Europa de 2016 – Portugal x Polónia

Não existindo estudos no Corfebol mas acompanhando as orientações e metodologias de treino de outras modalidades, o treino das técnicas tem que ser inserido no contexto do jogo ou em condições reduzidas mas similares à competição. O treino analítico retira a complexidade do jogo. E mesmo o jogo, em treino, será sempre diferente ao jogo formal pois falta a “pressão competitiva”. “Progressivamente, os jogadores de Basquetebol devem passar a treinar o lançamento em condições de jogo,...sobretudo, com a velocidade que o jogo lhes exige” (Jerry Krause, citado por Adelino J., 1994). Jorge Adelino, no seu livro de 1994, *As coisas simples do Basquetebol*, já referia que “no treino, cada lançamento deve ser executado como se tratasse de uma situação de jogo em que faltam apenas 2 segundos para ele terminar, e a equipa do jogador que lança está a perder por 1 ponto.”

Numa perspectiva futura, um estudo muito interessante a ser realizado no Corfebol, que poderá estar relacionado com este problema, é sobre a Aprendizagem Diferencial. A Aprendizagem Tradicional consiste numa prática repetitiva do mesmo gesto/movimento durante algum tempo, até que os mesmos sejam interiorizados. Wolfgang Schöllhorn, considerado o “pai” da Teoria da Aprendizagem Diferencial, defende que o atleta não aprende pela repetição e correção dos erros, mas pela adaptação da sua técnica, de forma intuitiva, a um vasto conjunto de problemas e dificuldades.

4. O CORFEBOL E O CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Para Zilles (2005), “o Conhecimento Científico deve ser transcendente quanto aos fatos, verificável pela experiência, orientado por hipóteses confirmadas ou não falsificadas e preditivo na medida em que se funda em leis e informações específicas e fidedignas, relativas ao estado de coisas atual ou passado.” Mas é falível (não é definitivo).

O Conhecimento Científico também tem que ser comunicável, ou seja, de conhecimento geral (não é para estar escondido). Só quando é validado e publicado é que se torna científico. Carlos Fiolhais, afirmou numa entrevista, em março de 2020, ao Diário de Notícias: “o conhecimento é um valor e a sua partilha é importante! A ciência é um processo que não nos dá verdades absolutas, mas chegámos até aqui com este saber e iremos chegar mais além e com mais saber. É um caminho que conta também com a capacidade humana de compreender onde estamos e quem somos.”

Na modalidade de Corfebol, infelizmente, não existem estudos científicos. Existem livros de treinadores holandeses, com as suas opiniões face às suas experiências. Nos tempos atuais é urgente o surgimento de estudos que promovam o desenvolvimento da modalidade, é necessário reconhecer que existem inúmeros problemas que são resolvidos pela experiência/senso comum. Para isto é necessário humildade para reconhecer que só a experiência não chega! Transmitir o que nos foi ensinado sem questionar, é uma atitude passiva. Precisamos de iniciativa! Como disse Stephen Hawking, numa das suas frases célebres, “O maior inimigo do conhecimento não é a ignorância, mas sim a ilusão de conhecimento”.

Os campeonatos nacionais de Corfebol em Portugal iniciaram em 1985. Passaram 35 anos e as referências que temos são os Holandeses, que são os melhores do mundo. Mas a realidade na Holanda é totalmente diferente da nossa, além de terem 80 anos de avanço, são o povo mais alto do mundo e com cerca de 100 000 praticantes.

Como referido, foi a percepção que a concretização nos lançamentos na passada foi muito baixa no Mundial de 2015, que me fez reflectir sobre o tema e estudar!



Figura 8. Campeonato do Mundo de Corfebol 2015 – Portugal x Inglaterra

Após o Mundial de 2015, analisei os jogos de Portugal e verifiquei que a concretização do lançamento na passada nos 2 jogos decisivos tinha sido de 4,8% (1/21), (anexo 4). Tivemos mais oportunidades de lançamentos na passada do que o “normal”, no jogo contra a Inglaterra, devido à grande pressão defensiva (aliada a uma boa defesa pela frente), e no jogo contra a China, derivou da inexperiência defensiva desta equipa.

“Somente em pleno naufrágio poderá converter o fracasso em vitória e ressurgir de novo por ter encontrado o caminho que dá acesso a si mesmo e à realidade que incomensuravelmente o ultrapassa” (Jaspers, 1976). Por coincidência, neste Campeonato éramos os “Navegadores”...

Não desisti, pesquisei, investiguei, analisei várias vezes os jogos deste Mundial e procurei conhecimentos com o Kees Rodenburg e o Wim Scholtmeijer (Selecionador Holandês).

Um dos motivos de tão baixa concretização era a aglomeração no cesto, jogar em 2:2, quer dizer que quando um atacante ultrapassa o seu adversário, recebe a bola e tem 4 pessoas na zona do cesto, que se for do mesmo género poderá realizar a troca defensiva. Outro motivo esteve relacionado com o contacto físico. Nos dois jogos quase não era

assinalado o contacto e isso perturbou significativamente os nossos atletas. Outra condicionante, o controlo emocional!

Era preciso tornar o treino desta técnica o mais real possível, com confusão no poste, com contacto, à máxima velocidade, recebendo a bola em más condições e lançar de várias maneiras, com uma mão, duas mãos, por baixo, por cima, em suspensão, parar e lançar...



**Figura 9. Jogo do Campeonato Holandês – PKC x TOP
Lançamento na passada realizado em suspensão, por cima e com uma mão**

Por outro lado, o modelo de jogo que teve sucesso nas competições anteriores deixou de ter. Desde 2005 que houve modificação dos cestos, de vime passaram a sintéticos. Esta mudança modernizou a modalidade mas teve efeitos no jogo. Perceptíveis mas nunca estudados. No cesto de vime, a bola amortecia e o ressaltador tinha grande importância, com o cesto sintético, quanto mais longe é o lançamento, mais longe vai o ressalto.

A Seleção da Holanda e a Seleção da China (treinada por Ben Crum) tinham experimentado neste campeonato um modelo denominado “dinâmico”, sem ressaltador fixo. Depois de analisar vários jogos destas seleções e tendo em conta as características dos jogadores portugueses criei um modelo de jogo dinâmico para Portugal. Este modelo está focado na finalização e não na organização para finalizar. Joga-se começando com a posição de assistência, permitindo o jogo desenrolar-se mais perto do cesto, originando

lançamentos até 6/7 metros de distância do cesto. Em 2:2, a maioria dos lançamentos de fora são realizados dos 7 metros para cima.

Vindo de um fracasso, e promover mudanças nos treinos e modelo de jogo foi algo muito polémico e discutido pela comunidade corfebolística. Testei em vários treinos, estágios, jogos de preparação com equipas holandesas e Seleção da Holanda. A observação e análise dos jogos davam-me boas indicações. Estava convicta que iríamos ter mais sucesso e fui em frente.

“A ciência é uma exploração contínua de formas de pensamento. A sua força é a capacidade visionária de fazer derrubar ideias preconcebidas, desvendar territórios novos do real e construir novas e mais eficientes imagens do mundo. Esta aventura assenta sobre todo o conhecimento acumulado, mas a sua alma é a mudança. Ver mais longe.” (Rovelli, C., 2019).

No Campeonato da Europa de 2016, em Dordrecht, Holanda, com um novo modelo de jogo, ficámos em 4º lugar. No Campeonato da Europa, em 2018, em Heerenveen, conquistámos a medalha de bronze, vencendo a Bélgica pela primeira vez na história da modalidade. Neste último campeonato, fui variando entre o 2:2 (jogado mais perto do cesto e realizando um combinado do dinâmico com 2:2) e o 3:1, dinâmico, de acordo com as características dos nossos atletas e dos adversários. A seguir à Seleção Holandesa, fomos a equipa com maior eficácia. Relativamente aos lançamentos na passada, neste Campeonato, fomos a melhor equipa, com 55% de concretização. (anexo 5).

Mesmo com estes resultados, em Portugal, apenas os Seleccionadores que treinam equipas aplicam este modelo, as equipas que lançam mais na passada, Clube Corfebol de Oeiras, Clube Desportivo da Pedro Alexandrino e Grupo Desportivo dos Bons Dias B. No entanto a eficácia é baixa, o que a meu ver pode estar relacionado com o treino da técnica.

A mudança não é fácil! É necessário pensar, reflectir, inovar, criar novos exercícios de treino para novos modelos técnico-táticos. Mas “aqueles que não podem mudar de ideia não podem mudar nada!” (George Bernard Shaw)

5. O FUTURO: ESTAGNAÇÃO OU MUDANÇA?

“Treinar e ser treinador são atividades que, hoje em dia, não podem ser olhadas com a ligeireza e a irresponsabilidade que ainda caracterizam as intervenções de muito boa gente no nosso desporto, de dirigentes e de treinadores, a quem cabe defender a educação integral da juventude e promover o Desporto como cultura e como componente essencial da vida moderna (Lima T., 2000). Para o autor, a formação de treinadores é essencial e evoluiu muito nas últimas décadas, tudo é (ou deve ser) diferente do que se fazia até aos anos 70. Os treinadores têm que estar sempre em formação pois tudo evolui muito rápido, a preparação física, as teorias, os conhecimentos estão constantemente a sofrer mudanças pelos estudos e investigação que se fazem e o surgimento de novas tecnologias que permitem cada vez mais perceber a especificidade de cada modalidade.

“Criticar, apesar do sentido geral da palavra, não é sinónimo de pôr em causa. Os grandes saltos qualitativos ocorridos na história da humanidade passaram-se sempre através de transformações, de renovações, e não de hesitantes tentativas de pactuar com a realidade existente, limitadas a uma “colaborante” atitude de modificar, na “continuidade” (Araújo J., 1998). Como disse Helena Roseta (citado por Araújo, J., 1998), numa entrevista, “há que rever, inovar, confrontar. Ou seja, debater. Muita coisa tem que mudar. É preciso incomodar.”

De acordo com a teoria de Popper, por ele denominada teoria do holofote, “as observações são secundárias às hipóteses, teorias, expectativas. É com nossas hipóteses que aprendemos que tipos de observações devemos fazer: para onde devemos dirigir nossa atenção; onde ter um interesse” (Popper, 1975). “Elas são os nossos guias que iluminam a realidade, indicando-nos para onde dirigir a atenção. A existência de um problema é o ponto de partida para a aprendizagem nos seres vivos de um modo geral.” Para Popper, o conhecimento humano cresce por um processo que é de tentativa e eliminação de erro.

Na realidade, foi o que aconteceu na escolha deste tema! O estudo apresentado neste trabalho não é conhecimento científico, no entanto, espero que venha a ser, validado e publicado. E que seja o primeiro de muitos!

Na escolha do título, “A eficácia do Lançamento na Passada no Corfebol Português – uma pedrada no charco?” foi no sentido que este primeiro estudo provoque uma agitação nas águas. Numa das frases bem conhecidas de Victor Hugo, dizia: “A água que não corre forma um pântano, a mente que não pensa forma um tolo.”

A comunidade corfebolística além de ser pequena em Portugal é muito fechada. É urgente dialogar, partilhar conhecimentos, investigar, estudar, reflectir sobre as nossas práticas para que seja possível sermos melhores treinadores, não esquecendo que temos um grande desafio de ensinar e tornar os nossos atletas melhores (atletas e pessoas) e por fim, que a nossa equipa atinja os objetivos delineados.



**Figura 10. Campeonato da Europa de 2018
Portugal x Bélgica (20-19)**

A minha intenção não é apenas provocar uma agitação e tudo voltar ao normal, é abrir horizontes, tornar o Corfebol mais conhecido e reconhecido, que possibilite um crescimento não só em quantidade mas em qualidade. É urgente abrimos a janela ao Conhecimento Científico!



**Figura 11. Catarina Correia
(atleta internacional sénior)**

BIBLIOGRAFIA

- Adelino, J. (1994). As coisas simples do Basquetebol. *Associação Nacional de Treinadores de Basquetebol*, 66,67.
- Araújo, J. (1998). Treinador, Saber Estar, Saber Ser. *Editorial Caminho, SA*, 97
- Araújo, J. (2000). Como formar a Melhor Equipa. *Editorial Caminho, SA*
- Bachelard, G. (2020). O Novo Espírito Científico. Edições 70, Lda, 166.
- Barros J. (2013). Teoria e Metodologia: algumas distinções fundamentais entre as duas dimensões, no âmbito das Ciências Sociais e Humanas. *Revista Electrónica de Educação*, v. 7, n. 1
- Bronowski J. (1973). *The Ascent of Man*. *Ebury Publishing*
- Carvalho J. (2008). Da Teoria do Conhecimento à Metodologia Científica: dilemas contemporâneos da pesquisa social. *PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais UNIFAP*. N. 1
- Crum, B. (1994). Korfball made simple. *KNKV*.
- Crum, B. (2003). Korfball Concepts. *KNKV*, 35.
- Crum, B. (2012). *The IKF Guide to Korfball Coaching*. *International Korfball Federation*.
- Emmerik, R., Keizer F., Troost F. (1995). *Korfball an Insight*. *KNKV and International Korfball Federation*
- Federação Portuguesa de Corfebol (2013). *Curso de Treinadores Grau I: O ensino da técnica ofensiva*.
- Garganta J. (2001). A Análise da performance nos Jogos Desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, vol. 1, nº 1, 57–64
- Hessen J. (2000). *Teoria do Conhecimento*. *Martins Fontes São Paulo*.
- Lima, T. (2000). Saber Treinar, Aprende-se. *Centro de Estudos e Formação Desportiva*, 22,23
- Mesquita, I. (1997). *Pedagogia do Treino: A formação em jogos desportivos coletivos*. *Cultura Física*.
- Pais S. e Romão P. (2004). *Práticas Desportivas e Recreativas, 10ºano*. *Porto Editora*, 13.

Pépin C. (2018). As Virtudes do fracasso. *Gradiva*.

Popper, K. (1975). Conhecimento objetivo. *São Paulo: EDUSP*

Rovelli C. (2019). A realidade não é o que Parece. *Contraponto Editores*.

Saviani D. (1980). Educação. Do senso comum à consciência filosófica. *Autores Associados*.

Silveira, F. (1994). A filosofia da ciência de Karl Popper: o racionalismo crítico. *São Paulo UFRGS*, 211

Zilles, U. (1994). Teoria do conhecimento. *Porto Alegre: EDIPUCRS*.

ANEXO

1

ANEXO

2

ANEXO 3

ANEXO 4

ANEXO 5